



A luta de antigos moradores trouxe para Caratoira calçamento e outras melhorias

Em Caratoira ainda se vive como antigamente



Por Sergio Luz

“Caratoira não é um simples bairro. Temos aqui um jeito diferente de viver, que tem muito do tipo de vida que se levava antigamente, misturado com os confortos modernos, que ninguém é de ferro”.

Quem diz isso, sem qualquer ponta de nostalgia pelo que viu e viveu nos quase 50 últimos anos em que morou no Alto de Caratoira, é Olivério de Jesus, ao descrever um bairro que, se não chega a ter, como querem seus moradores, “um jeito diferente de vida”, tem pelo menos algumas características que o diferem da maioria dos demais bairros da Grande Vitória. Principalmente daqueles que nos últimos 10 anos foram alcançados por um processo acelerado de desenvolvimento.

POUCAS CASAS

Aparentemente, Caratoira teve um crescimento parecido com o dos bairros localizados nos morros da cidade. Situado entre Santo Antônio, Arivaldo Favalessa (antigo Alagoano), Morro do Quadro e Estrada do Contorno, de início foi ocupado por trabalhadores quase exclusivamente ligados ao porto. Mas ao contrário dos demais bairros, o de Caratoira se diferencia dos demais em um ponto fundamental: “Quem vinha para cá, nunca mais saía” — afirma José Rodrigues, dono da mercearia do Zezinho, ele próprio um exemplo vivo dessa fixação no bairro, pois recebeu a mercearia de herança do pai, que ali se estabeleceu em 1940.

Assim, enquanto nos bairros vizinhos a população vivia em constante transformações, a de Caratoira pouco mudou. E como os primeiros habitantes eram trabalhadores de algum poder aquisitivo — estivadores, doqueiros, principalmente — as casas de alvenaria foram aos poucos substituindo os barracos de madeira e, dependendo do tamanho do terreno, faziam um **puxado** para o filho ou a filha que havia casado e não tinha onde morar.

passar roupa. Depois, apareceu uma quitanda que vendia só praticamente banana, cana e laranja.

O bairro de Caratoira evocado por D. Altina e seu José Lino praticamente não existe mais, se comparado com o atual, pois até 1962/1963 não havia nenhuma rua calçada e só se contavam, em toda a região, cerca de 50 casas. Mas afinal qual a área que corresponde a Caratoira?

ACESSO ERA DIFÍCIL

De início, segundo depoimento dos moradores mais antigos, entendia-se por Caratoira toda a região que hoje inclui também o Bairro Arildo Favalessa (antigo Alagoano). Hoje, de acordo com Augusto de Oliveira, o seu Agostinho, Caratoira compreende parte da Rua Arivaldo Favalessa (que começa no antigo morro do Alagoano), Orlando Bonfim, D. João Nerim, Padre Antunes, Ferreira das Neves, e várias escadarias, das quais a principal é a José Carneiro Almeida, um dos principais líderes do bairro, que durante muitos anos de atuação conseguiu que a Prefeitura fizesse algumas obras importantes.

A principal delas — e que mudou totalmente a feição física do bairro — foi o calçamento de todas as ruas, na gestão do prefeito Solon Borges, em 1962/1963. “Antes de calçarem as ruas” — recorda Waldemar Brandão Pinto, morador há 50 anos — “o acesso era difícilimo. Quando chovia então...”

A partir dessa época, portanto, o bairro de Caratoira começou a mudar mais depressa. Foi se transformando fisicamente mas sem perder a principal característica que havia adquirido em decorrência da longa convivência entre os moradores: “Aqui a solidariedade é total. Na hora que um precisa de ajuda, aparece logo um monte de pessoas querendo ajudar” — explica, orgulhoso, seu Agostinho, que faz parte da Comissão Pró-Associação de Moradores do Bairro do Alto de Caratoira, cuja fundação deverá ocorrer ainda este mês.

Joaquim Nunes



Waldemar: antigo morador

Joaquim Nunes



Augusto de Oliveira, líder do bairro

Por Sergio Luz

"Caratoira não é um simples bairro. Temos aqui um jeito diferente de viver, que tem muito do tipo de vida que se levava antigamente, misturado com os confortos modernos, que ninguém é de ferro".

Quem diz isso, sem qualquer ponta de nostalgia pelo que viu e viveu nos quase 50 últimos anos em que morou no Alto de Caratoira, é Olivério de Jesus, ao descrever um bairro que, se não chega a ter, como querem seus moradores, "um jeito diferente de vida", tem pelo menos algumas características que o diferem da maioria dos demais bairros da Grande Vitória. Principalmente daqueles que nos últimos 10 anos foram alcançados por um processo acelerado de desenvolvimento.

POUCAS CASAS

Aparentemente, Caratoira teve um crescimento parecido com o dos bairros localizados nos morros da cidade. Situado entre Santo Antônio, Arivaldo Favalessa (antigo Alagoano), Morro do Quadro e Estrada do Contorno, de início foi ocupado por trabalhadores quase exclusivamente ligados ao porto. Mas ao contrário dos demais bairros, o de Caratoira se diferencia dos demais em um ponto fundamental: "Quem vinha para cá, nunca mais saía" — afirma José Rodrigues, dono da mercearia do Zezinho, ele próprio um exemplo vivo dessa fixação no bairro, pois recebeu a mercearia de herança do pai, que ali se estabeleceu em 1940.

Assim, enquanto nos bairros vizinhos a população vivia em constante transformações, a de Caratoira pouco mudou. E como os primeiros habitantes eram trabalhadores de algum poder aquisitivo — estivadores, doqueiros, principalmente — as casas de alvenaria foram aos poucos substituindo os barracos de madeira e, dependendo do tamanho do terreno, fazia-se um **puxado** para o filho ou a filha que havia casado e não tinha onde morar.

Hoje, os espaços livres e aproveitáveis em Caratoira são contado a dedo, mas no início era exatamente ao contrário, como lembram os moradores mais antigos do lugar, José Lino dos Santos, de 86 anos e morador desde 1916, e sua mulher Altina Oliveira Santos. Segundo eles, "antigamente dava até para contar as casas construídas aqui", diz D. Altina, que mora no mesmo endereço, da rua Colatino Barroso, desde 1906, quando o pai se mudou para lá.

MASCATE DA PRESTAÇÃO

Seu Lino e D. Altina se lembram de quando casaram — 1922 — e continuaram morando em Caratoira. Naquela época, só havia duas pequenas vendas — de um certo Adamastor e outra de José Bittencourt, hoje uma das ruas principais do bairro. D. Altina se lembra também do comerciante que dava o maior **ibope** na época: o turco Alexandre, um mascate que, vendia a prestação ("de 500 réis a um mil réis, quanto o freguês pudesse pagar sem se esforçar muito") e que se fazia anunciar acionando uma matraca de madeira:

"A gente ouvia o barulho do mascate e saía correndo para ver as mercadorias que ele trazia" — diz D. Altina, ao lembrar do que fazia tanto sucesso na época: fazendas coloridas, sabonete, perfume e alguma roupa pronta, pouco comum naqueles anos.

Seu José Lino se recorda de que, logo depois das duas vendas, instalou-se por lá também uma venda de carvão, naquela época o combustível dos fogões e ferros de

passar roupa. Depois, apareceu uma quitanda que vendia só praticamente banana, cana e laranja.

O bairro de Caratoira evocado por D. Altina e seu José Lino praticamente não existe mais, se comparado com o atual, pois até 1962/1963 não havia nenhuma rua calçada e só se "contavam, em toda a região, cerca de 50 casas. Mas afinal qual a área que corresponde a Caratoira?"

ACESSO ERA DIFÍCIL

De início, segundo depoimento dos moradores mais antigos, entendia-se por Caratoira toda a região que hoje inclui também o Bairro Arildo Favalessa (antigo Alagoano). Hoje, de acordo com Augusto de Oliveira, o seu Agostinho, Caratoira compreende parte da Rua Arivaldo Favalessa (que começa no antigo morro do Alagoano), Orlando Bonfim, D. João Nerim, Padre Antunes, Ferreira das Neves, e várias escadarias, das quais a principal é a José Carneiro Almeida, um dos principais líderes do bairro, que durante muitos anos de atuação conseguiu que a Prefeitura fizesse algumas obras importantes.

A principal delas — e que mudou totalmente a feição física do bairro — foi o calçamento de todas as ruas, na gestão do prefeito Solon Borges, em 1962/1963. "Antes de calçarem as ruas" — recorda Waldemar Brandão Pinto, morador há 50 anos — "o acesso era difícilíssimo. Quando chovia então..."

A partir dessa época, portanto, o bairro de Caratoira começou a mudar mais depressa. Foi se transformando fisicamente mas sem perder a principal característica que havia adquirido em decorrência da longa convivência entre os moradores: "Aqui a solidariedade é total. Na hora que um precisa de ajuda, aparece logo um monte de pessoas querendo ajudar" — explica, orgulhoso, seu Agostinho, que faz parte da Comissão Pró-Associação de Moradores do Bairro do Alto de Caratoira, cuja fundação deverá ocorrer ainda este mês.

OUTROS MORADORES

Já com ruas calçadas, Caratoira foi atraindo moradores que não eram necessariamente trabalhadores do porto. Aos poucos, um certo segmento da classe média foi vencendo os preconceitos de morar no morro e, com isso, a população do local aumentou consideravelmente. Já não se fala hoje nas 50 casas do tempo de seu José Lino e D. Altina, mas de 10 mil moradores, capazes de gerar cerca de quatro mil votos nas últimas eleições — votação quase maciça no PMDB.

Tão comuns nos últimos anos na Grande Vitória, Caratoira também teve a sua invasão. Só que, mais uma vez, diferente das demais. Para começar, a invasão foi num antigo cemitério, abandonado há mais de 20 anos, porque o terreno, com muita piçarra (um tipo de pedra) misturada com terra vermelha, não conseguia reter o mau cheiro.

Seu Agostinho conta que, depois da invasão, foram encontradas algumas osadas, mas isso não foi o suficiente para assustar os moradores: "Nunca vi, nem nunca ouvi dizer que aqui tem assombração. Todas as noites eu durmo tranquila" — garante Nair Bispo dos Santos, a moradora mais recente da invasão e que só pensa em transformar o seu barraco de madeira em casa de alvenaria.

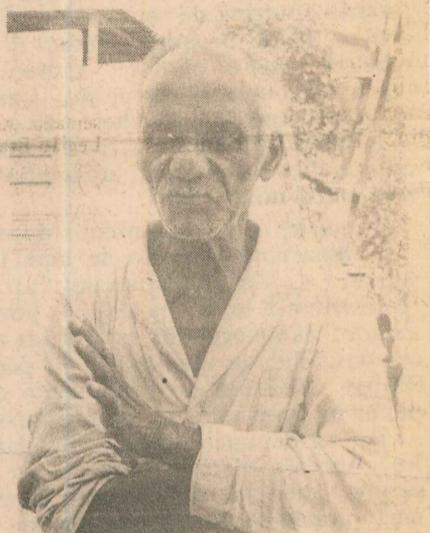
Barraco de madeira, por sinal, é raro atualmente no antigo cemitério, hoje batizado de Conjunto Residencial Manoel

Joaquim Nunes



Waldemar: antigo morador

Joaquim Nunes



Augusto de Oliveira, líder do bairro

Santa Maria. Quem se apossou de terreno no local foi geralmente operário mais graduado da construção civil (tipo mestre ou trabalhador especializado), professor, policial militar (cabo ou sargento).

ARMAS NO CEMITÉRIO

A invasão do antigo cemitério, de acordo com os moradores, é uma história à parte do Caratoira. Além de ter levado ao bairro mais 48 famílias, ainda forneceu assunto: ao lado do muro, foi encontrada grande quantidade de armas modernas, além de eletrodomésticos (liquidificador, gravador etc). Isso foi levado ao conhecimento do prefeito de então, Carlito von Schilgen, mas o material ninguém sabe até hoje onde está: "A Polícia levou e desde então ninguém sabe, ninguém viu mais nada..." — informa um morador, que preferiu não se identificar.

Se a Polícia, de certa forma, pelo menos nesse episódio, foi um problema para a população, o contrário não acontece, pois os moradores de Caratoira pouco ou nenhum trabalho dão à subdelegacia instalada no bairro Arivaldo Favalessa. Lá, o substituto de subdelegado Edson da Silva Vieira, enquanto espera o aparelhamento do posto (com mais dois detetives, um escrivão e um carro), diz que as ocorrências em geral são ou de briga de vizinho ou desavença entre marido e mulher. "Fazemos muito mais um trabalho de assistência social do que de Polícia" — afirma Edson da Silva Vieira, embora informe que "de vez em quando" é obrigado a fazer uma ou outra prisão por roubo. "Mas desde que a subdelegacia foi instalada, o número de ocorrência desse tipo vem diminuindo, aparecendo mesmo briga de vizinhos ou de marido e mulher, coisa que a gente resolve conversando".

PREÇO DO PROGRESSO

Em fase de estruturação, a Associação de Moradores do Bairro do Alto de Caratoira tem certamente as suas reivindicações a fazer. Mas mesmo que não consigam o que querem — limpeza regular das ruas, área de lazer, mais uma rede de esgoto, luz para todos os lugares, em centro de saúde, mais ônibus na única linha que serve ao bairro — ainda assim ninguém vai trocar o bairro por outro lugar. É como define Olivério de Jesus:

"Antigamente Caratoira só tinha beco e por isso todo mundo estava livre de viver entre carros, conviver, com o trânsito. Hoje, com as ruas, já temos o trânsito para nos preocupar, mas é um tributo mínimo que temos de pagar para se ter um pouco de progresso".



As casas são quase todas bem construídas